

MUDANÇA SOCIAL E CULTURAL NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 50 ANOS: CENÁRIO E PERSPECTIVAS PARA A MELHORIA DO ENSINO PÚBLICO

Cláudio Benedito Gomide de SOUZA¹
Dora Isabel Paiva da COSTA²
Silvio Henrique FISCARELLI³

RESUMO: Pensar a melhoria do ensino público no Brasil significa pensar não apenas em quais competências e habilidades desejamos desenvolver nos indivíduos, mas compreende identificar claramente o tipo de cidadãos que estamos formando e que tipo de sociedade queremos para o futuro. Assim, se existem mudanças sociais e culturais elas devem ter seu contraponto dentro da sala de aula considerando a educação imersa na cultura e, portanto, nas formas de comunicação moderna. O grande desafio para a educação escolar é mostrar para os alunos, dentro da sala de aula, como será estar fora dela.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade da educação. Políticas públicas. Ensino público.

Introdução

Pensar a melhoria do ensino público no Brasil significa pensar não apenas em quais competências e habilidades desejamos desenvolver nos indivíduos, mas compreende identificar claramente o tipo de cidadãos que estamos formando e que tipo de sociedade queremos para o futuro. Neste contexto, é importante salientar que a prática em sala de aula hoje não pode ser pensada sem considerar a educação imersa na cultura e, portanto, nas formas de comunicação moderna. Assim, se existe uma crise da educação, ela não pode ser resolvida somente dentro da sala de aula. O grande desafio para a educação escolar é mostrar para os alunos, dentro da sala de aula, como será estar fora dela.

Neste contexto, pesam sobre os processos educacionais formais uma infinidade de responsabilidades, pois quando o assunto é o progresso do país, a educação pode ser compreendida tanto como vilã quanto como salvadora. A ela é atribuída a responsabilidade pela preparação do futuro trabalhador, pela conquista da cidadania, e pelo atraso tecnológico. Diante destas responsabilidades, parece-nos sensato pensar que uma escola boa é aquela que desenvolve as competências universais, compreendendo os saberes necessários à compreensão do mundo que nos cerca e, ao mesmo tempo, atende as demandas e expectativas

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Didática. Araraquara – SP – Brasil. 14800901 – claudio@fclar.unesp.br

² UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Economia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – dora@fclar.unesp.br

³ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Didática. Araraquara – SP – Brasil. 14800901 - silviohf@yahoo.com

de seus atores, traduzindo as finalidades e diretrizes do seu nível de ensino em um dado cenário social.

A educação escolar, conforme organizada hoje, tornou-se um instrumento capaz de legitimar algumas partes do fluxo de informação e desacreditar outras. Ou seja, as escolas de certa forma tendem a governar a ecologia da informação, e dependendo das concepções do professor acabam privilegiando certos conteúdos em detrimento de outros. Percebemos muitas vezes que, em vez de estar preocupada em sistematizar e orientar o processo de aquisição do conjunto de saberes universalmente aceitos em seu tempo histórico, a escola acaba tornando-se meio fértil para doutrinação ideológica e difusão de valores particulares.

Assim, enquanto educadores, uma importante questão é a compreensão da identidade cultural e social do alunado que temos a nossa disposição. Sem isto não há como pensar um ensino de qualidade, pois a igualdade se adquire com a afirmação da diferença. É com este espírito que pensamos propostas de melhoria de ensino, focando o direito à igualdade, mas reafirmando a existência de reconhecidas desigualdades presentes na sociedade brasileira. Como diz Boaventura de Souza Santos (2003 apud PIOSEVAN, 2006, p.26):

[...] temos o direito de sermos iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Ao lado de políticas universalistas importa também posições para elaboração, implementação e operacionalização de políticas específicas capazes de proteger sujeitos de direitos com maior grau de vulnerabilidade, visando ao pleno exercício do direito à inclusão social.

É necessário caracterizar a história social e cultural e identificar o percurso trilhado pela sociedade brasileira entre os anos de 1964 e 1985 - o período da ditadura militar, assim como o posterior que vai de 1985 aos dias atuais, – período de grande impacto de processos de globalização econômica e mundialização da cultura, para daí então propormos projetos de melhoria de ensino (ORTIZ,1994).

Mídia, cultura e educação

Estudiosos da história contemporânea brasileira observam o ritmo acelerado em que se deu o processo de urbanização da sociedade brasileira. Em 50 anos, o processo de urbanização se acelerou dramaticamente, pois em 1950 mais da metade dos brasileiros ainda

vivia no campo; em 2006, cerca de 81% da população passou a viver em áreas urbana⁴. Esta gigantesca emigração no sentido campo-cidade se deu por meio da concentração de empregos informais, pois as cidades não tinham como oferecer empregos formais a todos. Estes habitantes urbanos informais passaram a viver em favelas, os quais passaram a ser vistos pelas classes média e alta como potencialmente criminosos e uma ameaça a ordem pública (SKIDMORE, 2003).

Os estudiosos notam também o ritmo acelerado em que se deu o processo de secularização da cultura, de norte ao sul do país, mediante a substituição de uma ética católica, de sociabilidade e solidariedade tradicionais e de uma cultura extensivamente iletrada por valores modernos e pós-modernos: individualismo, competitividade, utilitarismo, consumismo e narcisismo, culto ao corpo (COSTA, 1989).

O governo militar brasileiro, associado à classe plutocrática transformaram o espaço público brasileiro – o qual vinha sendo construído a duras penas - em presa das grandes corporações nacionais e multinacionais. A educação popular tornou-se massiva, porém de péssima qualidade. A indústria cultural brasileira foi organizada e moldada pelas grandes corporações privadas e são estas que controlam a maior parte dos anunciantes e da publicidade no Brasil. A televisão se tornou o centro formador da cultura no país (ARRUDA, 1985).

A organização da família se transformou e o antigo poder de controle da igreja, da parentela e dos pais sobre os filhos arrefeceu. Ambos, pais e mães passaram a trabalhar fora de casa o dia inteiro, e isto acontece não apenas nas classes populares onde a necessidade obriga, mas também, nas classes médias, onde o desejo de aderir à sociedade de consumo os leva à condição de escravos e de pessoas eternamente insatisfeitas. Pais e mães se transformaram de educadores a provedores dos desejos dos filhos, manifestando enorme dificuldade em impor limites aos mesmos, em ensinar respeito à convivência em sociedade – princípio essencial subjacente aos valores fundamentais ligados à liberdade humana – pilar imprescindível das sociedades modernas.

Na década de 1970, o governo militar, juntamente com os conglomerados privados, montaram uma infra-estrutura de telecomunicações em rede nacional. Este gigantesco ramo empresarial foi adquirindo tecnologias cada vez mais avançadas com o objetivo de obter lucros fantásticos com a indústria cultural do entretenimento.

⁴ Confira Portal Brasil <http://www.portalbrasil.net/brasil_populacao.htm>. Acesso em: 22 ago. 2010.

Com a censura, imposta pelo governo militar, cresceram os programas de entretenimento na TV, a precarização da educação formal massificada e o aniquilamento da opinião pública, processos que resultaram em degradação de valores essenciais à sociedade moderna: o bem comum subordinou-se aos grandes interesses privados, pois os formadores de opinião estavam visceralmente ligados aos interesses privados dos grandes capitais do setor de comunicação. A indústria cultural formada e alimentada pelo sistema político autoritário da ditadura militar construiu um monopólio não só tecnológico, mas também político, escapando ao controle das instituições públicas - esvaziadas pelo sistema militar. É esta grande empresa que organiza a indústria cultural e difunde valores morais, políticos e estéticos, determinando comportamentos de crianças, de adolescentes, de adultos e de toda a coletividade.

O processo de secularização da cultura no Brasil foi, portanto, conformada pela indústria cultural de massas e organizada por grandes conglomerados privados. A população saiu no espaço de uma geração apenas - de 1964 a 1985 -, da condição de extensivamente iletrada para a de massificada e “enlatada”. Não experimentou sequer vivenciou a absorção da cultura moderna, não chegou a se constituir enquanto público moderno, não teve acesso à educação de massa de qualidade para que pudesse desenvolver um nível de autonomia de juízo moral, político e estético, frente ao bombardeio da publicidade relativo ao modo de vida consumista americanizado (MELLO; NOVAES, 2009).

Os valores internalizados pela TV se constituem em instrumentos poderosos que inoculam sede de consumo insaciável à sociedade e tornam as pessoas eternamente insatisfeitas e ansiosas. Numa sociedade em que a grande maioria das pessoas são pobres do ponto de vista material e cultural passou-se a fabricar falsas necessidades. As famílias se transformaram em máquina de consumo: o tênis da moda, o *Ipod* da última geração, o computador funcional, o carro bacana etc. O mercado passa a constituir o núcleo central que educa as pessoas a realizarem seus próprios interesses, adquirindo fome inesgotável de bens e a busca da satisfação imediata, tornando-as escravas do consumo (MELLO; NOVAES, 2009).

Os impactos do processo de ajustamento interno da economia nos anos 80 e da globalização econômica acirraram ainda mais a falta de postos de trabalho e o declínio da mobilidade social, do padrão de vida e do consumo, levando ao esgarçamento do tecido social, tornando a competição selvagem e transformando a violência num recurso cotidiano para a sobrevivência de parte da população. O avanço da violência na sociedade brasileira pode ser explicado - em parte - pela progressão avassaladora do individualismo de massas: as grandes privações materiais sofridas por grande parte da população, a falta de valor moral à vida, inculcada, induzida e compartilhada pelas classes médias que se omitem ao fechar os

olhos e ao banalizarem o sofrimento alheio, não possuem estrutura moral para cobrar dos excluídos do emprego digno, da escola de qualidade, da vida familiar solidária a valorização da vida (MELLO; NOVAES, 2009).

Caberia a esta altura perguntar: Quais os impactos desse processo histórico para a educação? As respostas não são diretas e nem simples, mas é irrefutável que nossos alunos são produtos culturais dessa história. Nas escolas, principalmente de Ensino Médio, o público jovem está envolvido com uma busca insaciável por objetos e atitudes que garantam a construção da sua identidade, que mostre a que grupo ele pertence: o corte de cabelo, o *piercing*, a marca de tênis, o modelo de celular, a banda preferida na camisa, a capa de caderno, vão descrevendo a que “tribo” cada um pertence, quem são os seus iguais e quem são aqueles que dele se diferenciam. Neste processo de construção de identidade os alunos acreditam que os objetos lhes dão algo de que precisam, não só em termos de posse, mas sim de identidade (SARLO, 1997).

Fischer (2001, p.28), descreve muito bem o impacto da mídia de massa na nossa cultura:

Imagem é tudo! – esse é o conselho que ouvimos todos os dias: é preciso não apenas ser, mas ‘parecer ser’; e se não pudermos ser, que nos esforcemos para parecer, e isto até pode bastar, porque cultivar a imagem (de si mesmo, de um produto, de uma idéia) mostra-se como algo tremendamente produtivo.

O que buscamos, com breve histórico da cultura e mídia é trazer a tona a relação da cultura jovem e o contexto educacional deste início de século. Não podemos ignorar que a mídia entra na sala de aula pela porta da frente sem ser convidada, e não há como não dar ouvidos a ela. As crianças brasileiras chegam à escola impregnadas pela “cultura midiática”, o que torna suficientemente plausível darmos uma maior atenção a este aspecto cultural de nossos alunos.

Um novo paradigma para a aprendizagem

Diante deste dilema, remetemos as palavras de Fischer (1999, p.29)

[...] enquanto a escola ficar no papel tímido de espectadora ressentida de uma sociedade que se pauta pelo mercado e pelas imagens de sucesso individual, de culto narcísico do corpo, de ilusão de felicidade dada pelo consumo real e imaginário, estará apenas marcando seu lugar como ausente do seu tempo.

É importante não aceitar o domínio da cultura de massas, mas desenvolver estratégias que possibilite a escola envolver alunos e professores em reflexões sobre a mídia, buscando pensar, inclusive, sobre a linguagem utilizada por estes artefatos culturais presentes no nosso dia-a-dia.

Envolver-se, significa não ser passivo diante da mídia. Conforme McLuhan (2003), a tarefa educativa não é somente fornecer instrumentos básicos de percepção, mas também, desenvolver capacidades de julgamento e de discriminação através da experiência social corrente. Antes mesmo de aparecer o conceito de "aspectos lúdicos da educação", McLuhan (2003) destacou que o estudo deveria ser uma atividade divertida. Segundo o autor, a escola não percebe que é ilusório conceber que existe qualquer diferença entre entretenimento e educação, para ele, tudo o que agrada ensina mais eficazmente.

Os sintomas da cultura midiaticizada nos contextos escolares já estão redefinindo o vínculo que os professores têm com os alunos e os próprios saberes. Verifica-se que, grande parte dos alunos, está desinteressada nas formas de transmissão dos saberes essencialmente verbais e expositivos. O modelo pautado apenas na palavra e nos exercícios de fixação está perdendo espaço para um modelo que propõe a diversificação das linguagens, incluindo-se linguagem visual das imagens e dos símbolos e das próprias mídias eletrônicas e televisivas. Hoje, os professores estão sendo convocados a não ensinar sempre do mesmo modo. Eles precisam rever continuamente as suas práticas para tecer novos tipos de laços sociais.

Se as tecnologias são instrumentos relevantes para as práticas sociais, também devem ser nas práticas educativas. Não se trata de uma volta ao tecnicismo pedagógico, mas compreender que os meios de comunicação criados e utilizados são extensões do próprio homem, fruto de seu desenvolvimento histórico e, portanto, exercem funções culturais, políticas e sociais indissociáveis dele e, conseqüentemente, da escola. A escola, neste sentido, deverá em sua função social ser capaz de compreender os desafios da sociedade moderna, e inseri-los na cultura organizacional e na prática pedagógica. Estamos diante de um novo contexto educativo cujas características mais relevantes são:

- O acesso à informação cresceu esporadicamente nas últimas décadas, o que fez com que o acesso a ela seja rápido, fácil e dinâmico estando em permanente expansão e renovação.
- A escola deixou de ser o único meio que põe o aluno em contato com fontes de informações e conhecimentos. Diante das novas fontes, proveniente das novas

tecnologias, a escola tem uma nova função: promover a reflexão sobre as informações e orientar os alunos na busca e seleção das mesmas.

- A palavra do professor e o texto escrito deixam de ser os únicos suportes da comunicação educacional. Hipertextos, vídeos, animações, simulações, jogos e até mesmo celulares são representantes de uma nova categoria de ferramentas digitais que são suporte à aprendizagem.

Durante muito tempo o processo curricular das escolas baseou-se na lógica de memorização, reter a informação e aplicá-la no momento certo era sinônimo de aprendizagem. Com a nova ecologia da informação, mais complexa e dinâmica, essa função torna-se menos importante. Agora, mais importante do que memorizar é trabalhar a informação tornando-a instrumento para compreensão dos problemas, para construir argumentações, para desenvolver o raciocínio lógico.

Considerações finais

A educação de qualidade é um projeto para o futuro, para o desconhecido, para um mundo que não conhecemos agora. Neste sentido direcionar a educação somente para o mercado de trabalho é um erro, pois o mercado é assim hoje, mas poderá não sê-lo daqui a dez ou quinze anos. Justamente porque não sabemos quais serão os requisitos para o cidadão do futuro, temos que nos concentrar no que é essencial na formação de nossos jovens. Essencial é, então, compreender as idéias, saber discuti-las, saber argumentar e reconhecer o papel das tecnologias na evolução social e cultural do homem.

Quando falamos em compreender ou dominar a tecnologia, não estamos nos referindo as tecnologias concretas, essas são passageiras, não adianta ensinar um aluno como usar o “*Windows 7*”⁵, pois daqui a 10 anos ninguém vai lembrar o que é isso. A tecnologia é útil quando usada para compreender problemas e promove meios para superá-los.

Neste sentido, a superação do paradigma mecanicista, taylorista, burocrático que impera na nossa escola atual requer uma abordagem holística, abrangente e progressista. Significa não só uma mudança em políticas públicas, mas uma mudança de cultura organizacional, de forma que as organizações escolares estejam voltadas a sua principal função: promover uma aprendizagem para o futuro.

⁵ Sistema Operacional comercializado pela Microsoft®

SOCIAL AND CULTURAL CHANGES IN BRAZIL: QUALITY OF EDUCATION AND PUBLIC POLICY IN THE LAST 50 YEARS

ABSTRACT: *Thinking about improving public education in Brazil means thinking not just what we wish to develop competencies and skills in individuals, but understands clearly identify the type of citizens who are training and what kind of society we want for the future. So if there are social and cultural changes they should have their comtraponto within the classroom considering education steeped in culture and therefore in the forms of modern communication. The challenge for school education is to show the students inside the classroom, as will be outside*

KEYWORDS: *Quality of education. Public policy. Public education.*

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, M. A. N. **A embalagem do sistema.** São Paulo: Duas Cidades, 1985.
- FISCHER, R. M. B. Identidade, cultura e mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, L. H. (Org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999. p.18-32.
- FISCHER, R. M. B. **Televisão & educação: fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- COSTA, J. C. Narcisismo em tempos sombrios. In: FERNANDES, Heloisa Rodrigues (Org.). **Tempo do desejo: psicanálise e sociologia.** São Paulo: Brasiliense, 1989. p.109-136.
- McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 13.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MELLO, J. M. C.; NOVAES, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna.** 2.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PIOSEVAN, F. **Temas de direitos humanos.** São Paulo: Max Limonad, 2006.
- SANTOS, B. S. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento da diferença e da igualdade. In: **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna.** Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, 1997.

SKIDMORE, T. **Uma história do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.